

# HITLER NUMA POESIA SATÍRICA DE GABRIEL D'ANNUNZIO

Luís Bensaja dei Schirò

Docente da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Poeta, romancista, dramaturgo, orador vibrante e arrebatado (mesmo para aqueles que não estavam preparados culturalmente para entender a sua linguagem hermética e rebuscada), vernaculista e filólogo, libertino, dissoluto, aventureiro, nacionalista inflamado, autor de arriscadas acções político-militares de grande efeito espectacular, exibicionista, gastador insaciável sempre perseguido pelos credores mas continuando a viver como um príncipe no luxo e na ostentação, Gabriel D'Annunzio (1863-1938) é, sem dúvida, um dos grandes poetas da língua italiana, que sabe manejar de forma genial, e o representante máximo do decadentismo literário finissecular.

Mantendo com Mussolini uma *cordial inimidade*, segundo a expressão arguta de um ensaísta (Vito Salierno, *D'Annunzio e Mussolini – Storia de una cordiale inimicizia*, Milão, Mursia, 1988), alimentada por ditirâmicos elogios e por uma silenciosa inactividade política vendida a peso de ouro, D'Annunzio é, mais do que qualquer outro, o autor da estrutura barroca do fascismo italiano, da sua concepção palingenésica, da sua mitologia nacionalista, da sua retórica imperial, do mito da *nação guerreira* mãe de heróis e do da *nação eleita* destinada a desempenhar um papel de grandeza na História e, também, da linguagem ritual de gestos, atitudes e palavras de ordem, que caracterizam a fisionomia exterior do regime, coreográfica ou folclórica quanto se queira, mas de enorme importância para a unidade do grupo, imprescindível para a chamada *organização do consenso*.

Apesar, porém, desta sua relação com o fascismo mussoliniano, uma relação não obstante tudo fria e distante, de pessoa agravada, mantida a partir do seu exílio dourado pago pelo regime, Gabriel D'Annunzio, intelectual de cultura latina, grande amigo e admirador da França, para ele uma segunda pátria, não gostava do nazismo alemão e nutria um soberano desprezo pelo seu *fibrer*, Adolfo Hitler, que na sua correspondência particular mimoseia sistematicamente com epítetos sarcásticos como o *Átila da broxa*, o *pintor de paredes*, o *tirano alemânico*, o *trolha*, sendo extremamente significativo este trecho de uma carta dirigida a Mussolini (Outubro de 1933) quando parecia que se estava a esboçar uma aproximação entre a Itália e a França: ... *eu sei que as tuas hesitações e as tuas incertezas [...] cedem à tua vigilante sagacidade, e que tu estás para orgulhosamente repelir o marrano Adolf Hitler com aquela ignóbil cara escondida pelos indeléveis pingos de tinta de cal e de cola em que ele havia ensopado o pincel, ou a brocha, no cimo de uma cana, ou de uma vara, transformada em ceptro de palhaço feroz onde não falta aquele tufo prolongado na raiz no seu násio nazi*.

Não é este o momento azado para revisitar em profundidade as objecções e sobretudo as desconfianças que o poeta nutria em relação a Hitler. Mas, sem que existam provas concludentes na medida em que as duas únicas testemunhas redigiram versões divergentes do facto, há quem afirme que, já bastante próximo da morte, doente e alquebrado, D'Annunzio arranhou forças para se ir encontrar com Mussolini à

Hitler numa poesia satírica...

estação ferroviária de Verona (Setembro de 1937), quando este regressava de uma viagem à Alemanha, para num colóquio dramático o tentar dissuadir de fazer uma aliança com o *führer*, o que como se sabe infelizmente não conseguiu.

Como prova desta repulsa, damos a seguir a versão bilingue de uma curiosa poesia satírica de D'Annunzio que, tal como a carta acima referida, só veio a público após o final da guerra. Escrita a meio de 1934, só foi publicada em 1977, a partir da única versão autógrafa entretanto encontrada. A linguagem utilizada, cruenta e cáustica, é hermética e rebuscada no seu simbolismo, bem ao jeito do poeta, o que não facilitou nada a tradução.

### Pasquinata

Farmacopóla, inalza il caduceo  
 su questa guerra, ohibò, senza coraggio  
 e senza sangue. Il gonfalon selvaggio  
 è la camicia sudicia di Meo.  
 Vocia ai sedenti il despoto plebeo  
 pitico il ciuffo, panico il linguaggio:  
 «Bipedi obliqui, il mondo è mio retaggio».  
 E ai lurchi in suo latino: «Hic est Leo.  
 O fame di Lamagna, laus deo.  
 Crea nel deserto d'Attila il mio raggio  
 la manna del promettitor ebreo.  
 Per mercatar l'Agnello galileo,  
 o sete di Lamagna, il beveraggio  
 l'offerò com la spugna del giudeo.  
 Mi consacra romeo  
 Roma, e conclama: Innovi il prode Anselmo.  
 Prolunghi il braccio corto di Guglielmo».  
 Su L'acciaio dell'elmo  
 ti gocciola il pennello d'imbianchino.  
 Dai di bianco all'umano et al divino.  
 Picca appari Quirino,  
 tu ci appari, Godàn della Promessa,  
 sotto la specie della Pennellesa.

### Pasquinada<sup>1</sup>

Farmacopola<sup>2</sup>, levanta o caduceu<sup>3</sup>  
 sobre esta guerra, arre!, sem coragem

<sup>1</sup> De Pasquino (de onde provém o nosso *pasquim*), nome de uma velha estátua outrora existente na Roma papal, onde eram afixadas sobretudo poesias, normalmente anónimas e de raiz popular mas sempre de corrosiva sátira política ou religiosa, que punham em causa de forma cáustica os aspectos considerados menos próprios da vida e da actuação dos papas.

<sup>2</sup> Alusão irónica a Hitler: charlatão manipulador de *phármaká* (drogas, venenos). A origem da palavra deve ser procurada na junção de *phármakon* com *poleo* (presente do indicativo do verbo vender), portanto, manipula e vende.

<sup>3</sup> Os caduceadores levantavam o caduceu (símbolo de apaziguamento) quando cessavam as hostilidades e a paz era proclamada. O caduceu é a conhecida *varinha em que se enroscavam duas serpentes em atitude de se beijarem e encimada por duas asas* (Dicionário de José Pedro Machado).

e sem sangue. O pendão selvagem  
 é a camisa suja de Meo<sup>4</sup>.  
 Vozeia aos sedentos o déspota plebeu  
 pítica a melena, irracional a linguagem:  
 «Bípedes oblíquos, o mundo é a minha herança».  
 E aos sôfregos em seu latim: «Hic est Leo.  
 Ó fome da Germânia, laus deo.  
 Cria no deserto de Átila o meu raio  
 o maná do prometedor hebreu<sup>5</sup>.  
 Para mercadejar o Anho galileo<sup>6</sup>,  
 ó sede da Germania, a beberagem  
 ofereço-te com a esponja do judeu.  
 Consagra-me romeiro  
 Roma<sup>7</sup>, e conclama: Inovas o valente Anselmo<sup>8</sup>.  
 Prolongas o braço curto de Guilherme<sup>9</sup>.  
 Sobre o aço do elmo  
 pinga-te a broxa de trolha<sup>10</sup>.  
 Cobres de branco o humano e o divino<sup>11</sup>.  
 [De] Pique apareceu Quirino,  
 tu apareces-nos, Garante da Promessa,  
 sob a espécie da Broxa<sup>12</sup>.

<sup>4</sup> Meo Patacca, personagem popular do teatro (século XVII): *fanfarrão, exibindo um ar temível, desafia o colega mas foge logo que este o enfrenta e lhe abre os olhos* (Enciclopédia Italiana).

<sup>5</sup> Nos desertos do norte, tal como nos tempos bíblicos aconteceu aos judeus guiados por Moisés, choverá o maná para matar a fome da Alemanha.

<sup>6</sup> Para mercadejar Cristo, ou seja, levar a cabo uma acção traiçoeira contra inocentes.

<sup>7</sup> Alusão à ambição imperial de Hitler.

<sup>8</sup> Soldado a fingir, «faz de conta».

<sup>9</sup> O *kaiser* Guilherme II: independentemente do seu braço ter sido demasiado curto para ganhar a I Grande Guerra, também tinha um braço aleijado de nascença.

<sup>10</sup> Alusão mordaz, aliás recorrente em D'Annunzio, às aspirações artísticas frustradas de Hitler no campo da pintura.

<sup>11</sup> Isto é, apaga, elimina, faz desaparecer sob as demãos da tinta do trolha pintor de paredes.

<sup>12</sup> Tal como na sua epifania o deus Quirino aparecia com o pique, que era o símbolo desta divindade romana, na epifania do novo Garante da Promessa este aparecerá com o seu símbolo que é a broxa – a broxa com que os trolhas pintam as paredes.